

Vol 7, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2016
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Como citar este artigo: SILVA, Karoline Maria Fernandes da Costa; ROCHA, Heitor da Costa Lima. Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 189-206, jan./jun. 2016.

Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva¹

Heitor da Costa Lima Rocha²

189

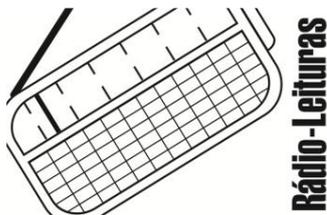
Recebido em: 04 de abril de 2016.
Aprovado em: 11 de junho de 2016.

Resumo

O presente trabalho discute o gênero “*mesa-redonda*” no radiojornalismo, tomando como *corpus* o quadro *Passando a Limpo*, veiculado de segunda a sexta-feira no programa Super Manhã, da Rádio Jornal AM/FM do Recife. Investiga os critérios de notícia no produto em questão e seu distanciamento das boas práticas do jornalismo. Lança mão, na base teórica, de produções dos /as pesquisadores/as de Rádio e Mídia

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Ciência Política pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Repórter da *Rede TV!*. Apresentadora do programa *O Grito FM*. E-mail: karoline.fernandes@gmail.com.

² Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social, Coordenador do curso de Jornalismo e membro do grupo de pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: hclrocha@gmail.com



Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa *Passando a Limpo* da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha

Sonora, revisitando ainda as teorias do jornalismo e o papel do radiojornalismo na construção social da realidade. Recorre a uma combinação de métodos: estudo de caso, observação participante e revisão bibliográfica. Suas principais conclusões são: distanciamento do rigor jornalístico e doutrina da objetividade, evidenciando sério comprometimento da notícia radiofônica.

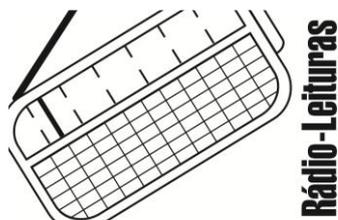
PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; gêneros radiofônicos; Teoria do jornalismo.

KEY WORDS: radiojournalism; genres in radiojournalism; Journalism Theory.

PALAVRAS CLAVE: periodismo radiofônico; gêneros radiofônicos; Teoría del Periodismo.

Introdução

Este artigo tem como um dos objetivos refletir sobre os gêneros radiofônicos praticados no radiojornalismo pernambucano, em especial, o formato “*mesa-redonda*”. Para tanto, revisita as teorias do jornalismo e do construtivismo social, bem como, as teorias do rádio. Toma como estudo de caso o quadro *Passando a Limpo*, veiculado dentro do programa *Supermanhã*, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 9h às 10h, na Rádio Jornal de Recife AM/FM. A pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O veículo em questão é o de maior audiência em Pernambuco entre as emissoras de formato AM - tradicionalmente compostas pela seguinte estrutura: esporte: 9,3%, jornalismo: 17,5%, música estrangeira: 3,3%, música nacional: 21,1%, religioso: 14,4% utilidade pública: 4,8% e variedades: 24,3%. (PRATA, 2012,p.22). Emissora integrante do grupo JCPM, a Rádio Jornal passou a ser transmitida, há pouco mais de um ano, também na frequência FM, como parte do processo de migração pelo qual muitos veículos radiofônicos no país vem passando. Segundo dados do Ibope fornecidos pela emissora, a Rádio Jornal obtém 43% da audiência na Região Metropolitana do Recife, com média de 69 mil ouvintes por minuto e cerca de 150 mil no horário de maior audiência, entre as 7h e 8h.

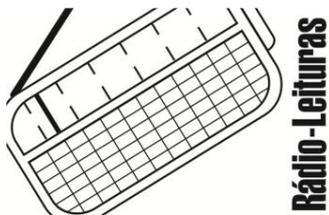


O presente estudo identifica os impactos deste “fazer jornalístico” a partir dos gêneros radiofônicos utilizados na programação e como esta dinâmica influencia nas práticas do radiojornalismo atual.

A análise em torno dos gêneros tem se tornado cada vez mais popular, segundo assinala Bhatia (1997) *apud* Prata (2009). Seu debate com relação à prática jornalística não é novo entre estudiosos brasileiros. Luiz Beltrão lançou olhares nos gêneros jornalísticos, que foram posteriormente aprofundados por Marques de Melo, em *Para uma Leitura Crítica da Comunicação*. Publicada em 1985, a obra analisa a questão do gênero nas origens do jornalismo brasileiro. Para o autor, o paradigma no país nutre-se de um “modelo (português) determinado por influências francesas e britânicas”. Ele chama a atenção que o maior impacto que o jornalismo brasileiro recebeu foi do padrão americano. E como seria este padrão? O pesquisador observa aspectos peculiares no veículo impresso, com relação aos gêneros opinativos, crônica, resenha, editorial, caricatura e carta:

No que se refere particularmente aos gêneros opinativos, detectamos algumas especificidades. Distanciando-se do jornalismo norte-americano, e em certo sentido também do jornalismo italiano, alemão e espanhol, o comentário, a coluna e a crônica são gêneros que assumem feição eminentemente opinativa, explicitando juízos de valor, buscando influenciar o público a que se dirigem. (...) É provável que muitas características não correspondam à riqueza dos traços que delinham a prática cotidiana do jornalismo regional ou local. É factível que inúmeras particularidades reflitam a natureza do jornalismo impresso e não encontrem equivalências no jornalismo eletrônico. Tudo isso pode ocorrer. Trata-se de uma contingência inevitável no trabalho científico. (MELO, 2006, p.70:71).

Este trabalho pretende contribuir para uma maior ênfase, no âmbito acadêmico, nos estudos dos gêneros radiofônicos e como estes são percebidos pelo público em geral, levando-se em conta o poderoso alcance do veículo no Brasil, seja pelo baixo custo ou pela identificação cultural do país com a oralidade. Conforme indica estudo divulgado em 2015 pela consultoria Pricewaterhouse Coopers (PwC). O material analisa gastos do consumidor e do anunciante em 13 segmentos de Entretenimento e Mídia e abrange 54 países e cerca de 80% da população mundial. O investimento em rádio no Brasil vai superar a média do que é empregado nos demais países pesquisados. De acordo com a referida pesquisa divulgada pela



Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha PwC, no Brasil, existem 4.500 emissoras de rádio AM e FM. O levantamento mostrou que 60% dos pesquisados ouvem rádio semanalmente e é o segundo veículo na confiança do consumidor para publicidade. Além disso, o Brasil é o maior mercado de rádio na América Latina em gastos do anunciante com publicidade. O estudo da PwC ainda apontou que o rádio no Brasil tem previsão de crescimento médio em torno de 3,7% ao ano. Enquanto isso, no resto do mundo, a média gira em torno de 2,5% ao ano. A tendência de gastos do anunciante e do consumidor registrou US\$ 13,3 milhões de dólares. O rádio ficou com 4% dessa receita. Para 2019, a expectativa é que sejam gastos US\$ 19,3 bilhões de dólares, sendo que 3% deverá ser injetado no rádio³.

Apontamentos como estes, sobre a realidade do rádio, exigem do mundo acadêmico, em particular, dos pesquisadores, um olhar mais sensível e atento, e maiores investigações sobre o radiojornalismo, noticiário e gêneros radiofônicos, haja vista contribuírem para a construção da realidade social brasileira. (BERGER; LUCKMANN, 1995). O rádio espreita pesquisadores e estudiosos a repensá-los. A trilha deste trabalho tenta traçar as características da linguagem radiojornalística e suas classificações de formatos, por meio da identificação de gêneros, inseridos nas tipologias do rádio brasileiro, com recorte no rádio pernambucano.

Gêneros radiofônicos: algumas classificações

Basta ouvir a programação das rádios para tentar compreender o quanto a perspectiva dos gêneros é importante no estudo dessa mídia. Uma abordagem mais empírica dos gêneros tende a tratá-los como “categorias” que norteiam a própria relação do veículo com a audiência; como “categorias” a partir das quais se decide o que se quer consumir no rádio e até o controle institucional da programação. Tratar de gêneros radiofônicos, nesse tipo de abordagem, limita-se a tratar de classificações orientadas geralmente pelo conteúdo, que nos permitam identificar certos tipos de programas antes ou enquanto entramos em contato com eles.

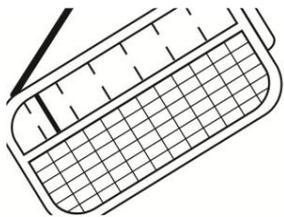
³Previsão de investimentos em rádio no Brasil é maior que a média mundial. Fonte: Associação de Empresas de Rádio e Televisão de Pernambuco (ASSERPE). Disponível em: <http://www.asserpe.org.br/noticias.php?cod=1410>. Acesso em 17/03/2016.

Na produção teórica acerca do rádio, autores de maior destaque dão ênfase a manuais voltados para consulta de estudantes (BARBEIRO & LIMA:2003; PARADA:2000; CÉSAR: 2009); os manuais da própria emissora, elaborados pelos próprios profissionais (TAVARES: 2011); ou obras teóricas que, em geral, se propõem a buscar um resgate histórico e comparativo do veículo rádio (PRATA: 2011; MEDITSCH; ZUCULOTO: 2008) apenas para citar os trabalhos de maior destaque. Especificamente sobre gêneros radiofônicos, André Barbosa Filho desenvolveu amplo estudo. Para ele, falar em gêneros implica, invariavelmente, incursões nos debates que o tema suscitou ao longo da história. A literatura, a comunicação social (principalmente o jornalismo e o rádio), a arquitetura utilizam o termo gênero para definir tipologias específicas. Sua discussão na literatura é extensa e se presta às mais variadas interpretações. Entre as conceituações as quais Barbosa Filho se debruça, a de Mauro Wolf tende a se adequar ao objetivo deste artigo:

Pode-se dizer que o gênero produz um sentido que interfere diretamente no conteúdo da matéria jornalística por meio de sua forma genérica de narrar o texto, é ele que possibilita ao “redator, ao repórter e ao editor uma linguagem comum, uma forma expressiva, linguística e não-linguística, de se comunicar”. Funciona como instrumento de criação na produção profissional e industrializada da informação ao fornecer pautas precisas, que possibilitam a decodificação da informação pelo leitor. Enfim, os gêneros “[...] se entendem como sistemas de regras aos quais se faz referências (implícita ou explícita) para realizar processos comunicativos, seja do ponto de vista da produção ou da recepção”. (BARBOSA FILHO *apud* WOLF, 2003, p. 58 -59).

Nesta obra, Barbosa Filho admite no rádio sete gêneros: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e, por fim, gênero especial. Apesar da contribuição científica para a área, o autor não faz uma aproximação empírica, no sentido de encontrar e sistematizar a ocorrência dos gêneros e formatos no rádio brasileiro. Considerando apenas o gênero jornalístico, Barbosa Filho classifica as seguintes modalidades, conforme resume a pesquisadora Janine Marques⁴:

⁴ LUCHT P. J. Marques. Gêneros jornalísticos no Rádio. Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em:



Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha

1) nota (informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso); 2) notícia (modulo básico da informação); 3) boletim (pequeno programa informativo, com, no máximo, cinco minutos de duração, distribuído ao longo da programação e constituído por notas e notícias e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens); 4) reportagem (amplia o caráter minimalista do jornalismo narrado); 5) entrevista (uma das principais fontes de coleta de informação, está presente direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas), 6) comentário (cria ritmo e amplia o cenário sonoro do receptor, visto que propicia a presença de diferentes vozes na programação), 7) editorial (é o anúncio de opinião não-personalizada e retrata o ponto de vista da instituição radiofônica), 8) crônica (tem relação direta com a atualidade e ligação com uma circunstância favorável. Transita entre a fronteira entre jornalismo e literatura), 9) radiojornal (congrega e produz outros formatos jornalísticos, como as notas, notícias, reportagens, comentários e crônicas) 10) documentário jornalístico, 11) mesas-redondas ou debates (são espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam ideias diferenciadas entre si), 12) programa policial (tem como objetivo cobrir os acontecimentos e fatos policiais, por meio de reportagens, entrevistas, comentários e notícias), 13) programa esportivo (é a divulgação, cobertura e análise dos eventos esportivos. Veiculado no formato de notícias, comentários, reportagens, entrevistas, mesas-redondas), e 14) divulgação técnico-científica (tem a função de divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população).

Tomando como parâmetros estas poucas definições em torno do gênero no contexto dos veículos de comunicação, pode-se concluir que eles cumprem pelo menos três funções básicas, entre as quais, o fato de serem formas de representação da realidade, e de servirem como sistemas de referências, que mudam e evoluem constantemente. Os gêneros também seriam ferramentas para o trabalho dos jornalistas e instrumentos úteis da pedagogia do exercício profissional. Por último, os gêneros também cumprem a função de atuarem como modelos de enunciação, ou seja, fornecem um conhecimento que permite superar ou modificar os esquemas tradicionais.

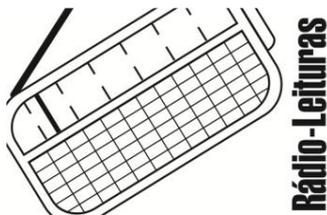
O jornalismo e a representação da realidade

Os próprios meios de comunicação se apresentam como os transmissores da realidade social. A atualidade, o acontecer social cotidiano é transmitido através de notícias – estas, esquematizadas a partir de critérios de noticiabilidade - isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham, conforme sublinha Traquina:

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia, que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia”. (TRAQUINA, 2004, p.96).

Alsina anota que a construção da notícia é um processo de três fases: produção, circulação e consumo. Dentro da perspectiva da construção social da realidade, o autor concebe a construção da notícia como algo “especial pertencente à realidade: é a realidade simbólica, pública e cotidiana”. Desse ponto de vista, Rodrigo Alsina reconhece que os jornalistas são, como todo mundo, construtores da realidade social. No entanto, conferem estilo narrativo a essa realidade, e, divulgando-a, as tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia. Com relação à produção da notícia, o autor elenca os elementos que parecem fundamentais, entre eles, as fontes de informação, que desempenham um papel principal à geração da notícia.

[...] Por isso, precisamos deixar bem claro que a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e conhecimento. Vejamos a atividade jornalística como ela é, uma manifestação socialmente reconhecida e partilhada. Inclusive durante a história já se produziram variações na produção jornalística que o consumidor vai conhecendo. [...] Portanto, essa relação entre o jornalista e seus destinatários estabelece-se por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Os jornalistas tem a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de autolegitimação para reforçar esse papel social. (ALSINA, 2009, p. 47).



Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

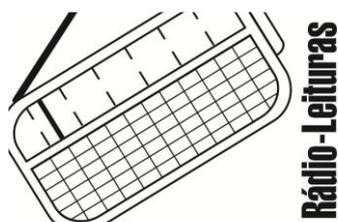
Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha

O gênero jornalístico no rádio

Para Zuculoto (2012), pode-se dizer que notícia no rádio é aquela estrutura que veicula a informação de maneira breve, sucinta, objetiva, com simplicidade na elaboração do texto. A pesquisadora observa que, “quando se fala em notícia radiofônica, se faz referência à informação jornalística que é veiculada pelo meio de comunicação rádio, em forma de texto jornalístico, contendo notícia primária”.

[...] A informação que é transmitida nos programas noticiosos nos seus mais diversos formatos, na voz de apresentadores, locutores e repórteres, por meio da leitura de textos pré-elaborados ou de divulgação de improviso, contendo ou não sonoras dos entrevistados e fontes ou entrevistas. Fala-se da notícia que embora possa ser, em termos de conteúdo, a mesma divulgada em outros meios de comunicação de massa, no rádio, como também em cada um dos demais, adquire – ou parece adquirir – uma diferenciação pela especificidade do veículo. (ZUCULOTO, 2012, p.21).

Em um breve histórico, pode-se averiguar que, nos anos de 1940, as emissoras de rádio conectadas com os grandes jornais começam a despontar. Os veículos impressos não chegam a sofrer grandes impactos porque a receptividade à prática da publicidade através dos meios periódicos ainda era insipiente e pouco aceita até a década anterior. Quando o rádio se constituiu em competidor nas inserções publicitárias, as empresas jornalísticas passaram a encarar a possibilidade da integração e diversificação, adquirindo emissoras. “Deve-se talvez a essa nova camada, incorporada ao contexto empresarial, investida profissionalizante o rádio-jornalismo” (FEDERICO, 1982). O sistema de propriedade vigente da fase anterior, ou seja, associações e agremiações em rádio-sociedades e rádio-lubes, passa, por força dos condicionantes econômicos e políticos, a ter uma feição empresarial, çevada a efeito por empresários e políticos, mormente ligados ao jornalismo. Apesar de o jornalismo de rádio ter sido construído entre os anos de 1930 e 1940, autor do livro *Jornalismo de Rádio*, Milton Jung, chama a atenção para a sua origem no chamado “método Roquette-Pinto”:



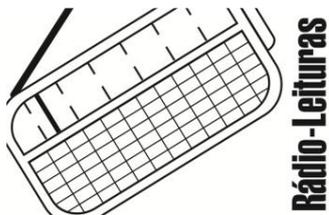
Em 1923, quando Roquette-Pinto selecionava as notícias com lápis vermelho, o rádio não tinha programação estabelecida, era feito de forma amadora. Apesar das transmissões esporádicas, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi a primeira a atuar com regularidade, graças ao Governo Federal, que emprestou os transmissores da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. O pioneirismo justificava o “método Roquette-Pinto”. (JUNG, 2005, p.20).

Na década de 1950, o rádio sofre impacto importante, com o surgimento da televisão. Na obra “No Ar: a história da notícia de rádio no Brasil”, Valci Zuculoto (2012) caracteriza o período do rádio pós-televisão como “3ª e 4ª fase da história da notícia no rádio”, sendo esta, marcada pela sobrevivência do rádio AM, desenvolvimento do formato FM e o novo impulso do radiojornalismo. É importante ressaltar que, embora esteja em curso o gradativo fim do formato AM, com o processo de migração para a frequência FM, determinado através de decreto presidencial em 2013⁵, observa-se que a linguagem que sempre marcou as emissoras de formato AM, que, nos anos 1970 e 1980, fez clara opção pelo gênero jornalístico, como forma de sobrevivência, continua bastante forte nos tempos atuais. Nesta “6ª fase” da notícia no rádio, conforme categoriza Zuculoto, observa-se uma maior abrangência do jornalismo, em suas várias linguagens, possibilitadas pela expansão das novas tecnologias.

O gênero mesa-redonda e o quadro *Passando a Limpo*

Conforme citado anteriormente, a “mesa-redonda” tem por característica principal a apresentação de ideias antagônicas por parte dos participantes deste gênero, com o objetivo principal de contribuir para uma melhor formação de consciência crítica do expectador, a partir do acesso à pluralidade de versões. A avaliação empírica do quadro *Passando a Limpo*, veiculado no programa Supermanhã, da Rádio Jornal do Recife tem como base teórica o rigor técnico da prática jornalística, entendendo o veículo como uma poderosa ferramenta de construção da realidade e o papel social da informação em uma democracia. Para tanto, toma-se como pilar, a conceituação de Traquina sobre uma visão mais global do jornalismo na democracia, que aponta para três vertentes fundamentais do seu desenvolvimento: 1. Sua

⁵ Rádios AM devem migrar para faixa FM. Fonte: Estado de S. Paulo. Acesso em: 17/03/2016. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,radios-am-devem-migrar-para-faixa-fm,169185e>



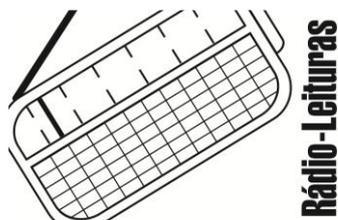
Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa *Passando a Limpo* da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha expansão, que começou no século XIX com o desenvolvimento da imprensa, e explodiu no século XX com a difusão dos novos meios de comunicação social, como o rádio e a televisão, e abre novas fronteiras com o jornalismo *on-line*, 2. Sua comercialização, que teve verdadeiramente início no século XIX com a emergência de uma nova mercadoria, a informação, ou melhor dito, a notícia. 3. Concomitantemente, o polo econômico do campo jornalístico está em fase da emergência do polo intelectual com a profissionalização dos jornalistas e uma definição das notícias e função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia. (TRAQUINA, 2005 p.33). Em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Habermas (1984) aponta que o jornalismo é reconhecido como a instituição, por excelência, da opinião pública. Tomando como base os conceitos acima destacados, é pertinente enunciar, neste trabalho, a definição básica do radiojornalismo: informar para formar. “Em termos de Brasil, é inestimável o papel que o radiojornalismo vem desempenhando ao logo dos seus quase quarenta anos de existência”⁶. Neste mesmo artigo, extraído da coletânea de publicações *Teorias do Rádio*, organizada por Medistich e Zuculoto (2008), Walter Sampaio conclui que:

O Rádio e a Televisão, dirigindo-se ao grande público, embora informando para formar, em relação ao jornal impresso, satisfazem às necessidades mínimas de um público receptor heterogêneo, que só pode receber uma mensagem tipo denominador comum. Isso implica, entretanto, eliminar jornalismo interpretativo. (SAMPAIO *apud* MEDISTCH; ZUCULOTO, 2008, p. 38).

Para chegar a uma visão esquemática primária do quadro *Passando a Limpo*, foram analisadas duas edições do mês de março de 2016, mais precisamente, nos dias 16/03 e 17/03. A opção por essas datas foi estratégica: foi subsequente à divulgação dos grampos, autorizados pelo Juiz Sérgio Moro, à frente de uma das maiores investigações judiciais do país: a chamada Operação Lava Jato. O estudo entende a relevância deste fato e o impacto da mídia na mudança de curso da política brasileira atual, que culminou com o afastamento da presidenta da República, Dilma Rousseff.

⁶ Texto editado por Luciene do Valle a partir dos capítulos escritos sobre radiojornalismo no livro *Jornalismo Audiovisual – Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema* de autoria do jornalista Walter Sampaio (João Walter Sampaio Smolka) em 1971.



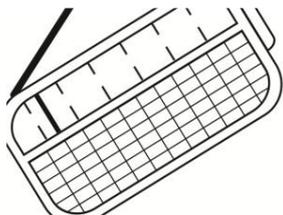
O quadro apresenta a seguinte formatação: em uma hora, incluindo os intervalos comerciais, temas polêmicos que estão na agenda pública dos veículos de comunicação podem servir como pauta para um debate (ou mesa-redonda, nos termos de Barbosa Filho), cujos integrantes são os jornalistas que estão na própria redação da Rádio Jornal ou convidados do Jornal do Commercio (empresa integrante do grupo JCPM). Após a escolha do assunto, cada participante expõe suas opiniões pessoais acerca do tema. O debate não é aberto para que os ouvintes opinem e interajam na programação. Durante a coleta de dados, a equipe estava assim constituída: Laurindo Ferreira (diretor do Jornal do Commercio), Jamildo (editor do Blog do Jamildo), Wagner Gomes (radialista da Rádio Jornal) e Geraldo Freire (locutor e apresentador do Super Manhã).

Na edição 16.03, o comunicador Geraldo Freire chama a atenção para um tema que envolve a política pernambucana, em torno da costura de alianças para a candidatura à prefeitura de Caruaru, cidade situada no Agreste de Pernambuco). A bancada inicia um bate-papo sem antes situar o ouvinte sobre o panorama político em questão. Entende-se, no entanto, que estão abordando entre si sobre os bastidores da política a partir de uma estrutura de linguagem distanciada da práxis jornalística. Reproduzimos abaixo o diálogo transcrito do bloco dois, o qual os jornalistas em questão levantam a pauta “política nacional”. O trecho abaixo revela o completo distanciamento da contextualização, elemento constituinte de qualquer narrativa jornalística.

Geraldo – O presidente do Senado disse que foram 400 páginas de “delírio” de Delcídio (...) No meu caso o que mais chamou a atenção e parece que foi muito mais a mim do que a maioria, que foi quando ele se remeteu a situação de Marcos Valério, de 200 milhões...é uma quantia que se diz aí...Para calar Marcos Valério teriam sido esse valor.

Laurindo - O que mais me chamou a atenção de tudo isso foi a comovente entrevista que o ministro deu dizendo que foi conversar com o assessor de Delcídio por solidariedade.

Wagner - Ele tá sendo chamado agora de Mercadante, o “sensível”.



Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha Geraldo - o que me chamou a atenção na semana passada...A presidente Dilma estava dando uma coletiva e de repente apareceu Mercadante e ficou junto dela. Eu até queria olhar pra Dilma, mas aquele bigode...

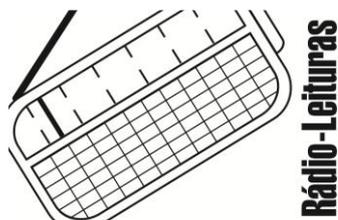
Wagner - Tem dias coisas que a gente precisa analisar. Mercadante é o braço direito de Dilma. Ele era ministro da Casa Civil. Ela só tirou Mercadante de lá por pressão de Lula e PT. E Delcídio era *carne e unha* com Dilma. E também próximo de Lula. Há uma relação muito próxima.

Laurindo - Tem que ver como é que o PT vai administrar isso, porque a inabilidade de lidar com Delcídio, tá se vendo aí. Tem um desafio grande aí. O que a gente viu ontem da delação de Delcídio...O modelo que a gente tá vendo aí, de "ganguê" tá descontrolado!

O tratamento do PT e de Lula naquela prisão de Delcídio, que não foi o mesmo tratamento de Dilma, eu disse bom: ou Delcídio não está sabendo de nada ou esses caras enlouqueceram de vez! Porque tratar o líder do PT como eles trataram...Mercadante inclusive disse isso, Foi injusto⁷.

Já o quadro da edição do dia (17/03) foi baseado em dois fatos que sacudiram o cenário político nacional e internacional. A nomeação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) como Ministro da Casa Civil do governo Dilma Rousseff (PT) e o vazamento na imprensa (autorizada pela Justiça a partir do magistrado Sérgio Moro) de ligações telefônicas mantidas entre os dois correligionários. Após conversarem entre si sobre o fato, o comunicador Geraldo Freire interrompe o diálogo na bancada e inicia entrevista por telefone com o deputado federal Mendonça Filho (DEM-PE), então integrante da oposição ao Governo na Câmara dos Deputados. E o questiona sobre se foi correta a atitude do juiz Sérgio Moro em divulgar os grampos. Reproduzimos um trecho em que o jornalista Jamildo questiona se a partir de agora o "impeachment será mais célere".

⁷ Programa Passando a Limpo. Edição do dia 16/03/16. Disponível em: <http://radiojornal.ne10.uol.com.br/audioteca/2016/03/16/ouca-o-passando-a-limpo-desta-quarta-feira-45462>. Acesso em: 21/03/2016.



Jamildo – Mendonça o que é que vai acontecer hoje no Congresso. Esse *impeachment* anda mais célere ou não?

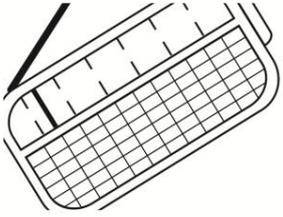
Mendonça Filho – Olha Jamildo eu participei já de um primeiro café da manhã na casa de um deputado amigo meu da Bahia, Elmar Nascimento, da Bahia, junto com outros parlamentares da oposição e nós vamos participar hoje à tarde justamente de uma reunião para definir como vai ficar esses procedimentos, a definição dos nomes que comporão a comissão especial do impeachment, que deve ocorrer à indicação que deve ocorrer até meio-dia, depois a instalação que deve ocorrer no final da tarde. Daí ela começa a funcionar a partir da primeira medida, com a eleição do presidente e do delator. A gente está costurando um consenso de maioria pra que a gente possa eleger o presidente e o relator dentro de uma maior expressão de independência da comissão pra que o processo de *impeachment* corra num prazo mais rápido. Acredito que num prazo de 30 dias esse processo vá estar no plenário para que cada brasileiro possa acompanhar o voto de cada parlamentar.⁸

201

Na supracitada edição, não foram consultados para o debate, líderes que representem o Governo ou que sejam contrários ao processo de impeachment. Neste ponto, o presente trabalho questiona os *valores-notícia* utilizados no formato do quadro Passando a Limpo. Pela própria ideologia do jornalismo, entre as exigências profissionais mais importantes estão: a preservação da objetividade e da imparcialidade. As notícias dos *media* estão, no jornalismo moderno, orientadas a partir destes binômios, com afirmações “objetivas” e “autorizadas” de fontes “dignas de crédito”.

(...) Isto significa o recurso constante a representantes dignos de crédito de instituições sociais importantes – membros de parlamento para assuntos políticos, patrões e dirigentes sindicais para questões industriais, etc. Tais representantes industriais são “dignos de crédito” devido ao seu poder e posição institucionais, mas também ao seu estatuto de “representante”: ou representam “as pessoas” (membros do parlamento, ministros, etc). ou grupos

⁸ Programa Passando a Limpo. Edição 17/03. Disponível em: <http://radiojornal.ne10.uol.com.br/audioteca/2016/03/18/ouca-o-passando-a-limpo-desta-sexta-feira-45499>. Acesso em: 23/03/2016.



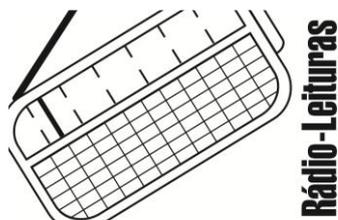
Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha de interesses organizados (...). Uma última “fonte acreditada” é o perito: a sua atividade – a busca desinteressada do conhecimento - não a sua posição de representação, abona em favor da “objetividade” e “autoridade”. Ironicamente, as próprias regras destinadas a preservar a imparcialidade dos *media* e que se desenvolvem a partir do anseio de maior neutralidade profissional servem também para orientar poderosamente os *media* nas “definições da realidade social” que as suas “fontes acreditadas” – ou “porta-vozes” institucionais – fornecem. (HALL; CHRITCHER. JEFFERSON. CLARKE, ROBERTS, *in* TRAQUINA, 1999, p. 229).

Considerações Finais

Nota-se que o formato do debate proposto em *Passando a Limpo* furta-se das regras ideológicas profissionais jornalísticas supracitadas, e, portanto, não orientam poderosamente o rádio nas “definições de realidade social” que as fontes creditadas (no caso, os jornalistas da redação) deveriam oferecer. A noção de credibilidade, que norteia um dos princípios jornalísticos nas democracias, perde espaço para opiniões genéricas. As definições dos argumentos veiculados nas edições não acontecem com “porta-vozes” especializados nos assuntos sugeridos no programa. A formação da opinião pública, neste quadro, se apresenta seriamente ameaçada por argumentos nem sempre embasados e de visões plurais, politizadas, na medida em que os jornalistas participantes nem sempre são especializados nos assuntos. Os principais atores que participam do debate acabam por fragmentar a construção social da realidade, principalmente pela falta de normativa, de método e rigor jornalístico. Um debate promovido sem o mínimo de critérios profissionais atinge os princípios do jornalismo moderno no rádio, dentro da democracia brasileira.

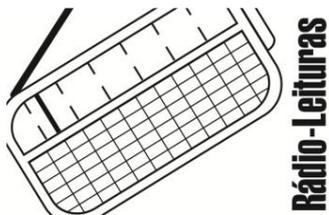
A carência de fontes fidedignas pode indicar que a emissora em questão proporciona à audiência um baixo nível cultural ou de comprometimento social. A identidade do radiojornalismo local na atualidade assume, pouco a pouco, feições monopolísticas, em detrimento da informação politizada, que forme uma consciência crítica ao cidadão. As próprias técnicas profissionais na elaboração do texto de rádio potencializam a redução da informação a um único viés ou ponto de vista. Autor do livro *Rádio: 24 horas de Jornalismo*, Marcelo Parada, orienta que o profissional de rádio precisa ter objetividade: “o rádio exige de



quem escreve a objetividade, a economia de palavras e o encadeamento claro e simples das ideias”. (PARADA, 2000, p.49).

A “doutrina” da objetividade, conceito que, originalmente criado pelo jornalismo inglês, correspondia à verdade absoluta, adquire, no jornalismo brasileiro (por influência do jornalismo norte-americano), conotação de um mecanismo próprio para economizar tempo e espaço, significando síntese. No entanto, José Marques de Melo sublinha que a objetividade no jornalismo contemporâneo implica em pluralidade de observação e de relato. “Em síntese: corresponde a assegurar que os acontecimentos sejam captados e reproduzidos sob diferentes ângulos, gerando distintas versões, honestamente registradas pelos seus protagonistas, privilegiando os jornalistas profissionais”. (MELO, 2006, p. 49).

Barros Filho *apud* Rocha salienta que o surgimento do conceito de objetividade deu-se no bojo da supremacia do pensamento positivista, no último quarto do século XIX, nos Estados Unidos, herguindo-se de ter por objeto o que realmente é “enquanto cientificamente válido”, ou seja, reduzindo a ciência ao empiricamente verificável. Desta maneira, as ciências sociais poderiam “resolver a crise do mundo moderno”, oferecendo explicações baseadas em resultados “tão incontestáveis quanto os das ciências modernas”, construindo assim a ideia de que a subjetividade humana seria considerada negativa. Concomitantemente, surge a distinção entre fato e juízo de valor, entre o acontecimento a ser estudado e a opinião. Deste conceito, foram desenvolvidas, também no jornalismo, técnicas de redação no estilo impessoal, através da atribuição da informação às fontes e da crença de que a apresentação de depoimentos que configurem posicionamentos distintos e plurais sobre um único tema asseguraria a imparcialidade jornalística. Ainda que a informação captada nos veículos de comunicação não sejam “puras”, como propõe a Teoria do Espelho, é pertinente salientar, em sintonia com a proposta deste trabalho, o rigor técnico o qual isto é feito dentro do programa analisado, com relação ao jornalismo contemporâneo. O que se questiona é o modo o qual este sentido é construído. As mesas-redondas promovidas dentro de *Passando a Limpo* deveriam estar baseadas na lógica do melhor argumento, o que ocorreria se, efetivamente, os jornalistas estivessem recorrendo a uma das práticas mais representativas da ideologia da profissão: a intermediação entre o mundo e as representações sociais que os indivíduos tem dele.



Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha

Referências

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo. Produção, ética e Internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos. Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BERGER, P. T., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. Ed. Petrópolis: Vozes, 1995).

BHATIA, Vijay K. **Genre analysis today**. In: *Revue Belge de Philologie etc d'Historie*, Bruxelles, 1997. In: PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2012.

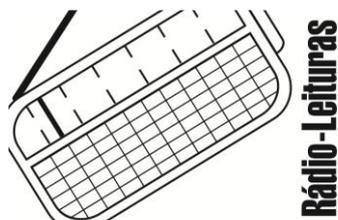
CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Paulus, 2009.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação, Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **A produção social da notícia: o mugging dos media**. In TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Veja, 1999.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Ed.Contexto, 2005.



Vol 7, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2016
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

LUCHT P. J. Marques. **Gêneros jornalísticos no Rádio**. Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3205-1.pdf>. Acesso em : 23 de dez de 2012.

MEDITISCH, Eduardo. **Teorias do Rádio - textos e contextos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/Ed. Insular, 2005.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2012.

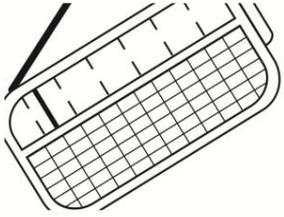
PRATA, Nair (Org). **Panorama do Rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2011.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROCHA, Heitor Costa Lima da. **Verdade e rigor no Jornalismo: A intersubjetividade como referência na construção da notícia**. Estudos em Comunicação no2, 171-183 Dezembro de 2007.

TAVARES, Mariza (Org). **Manual de redação CBN**. São Paulo: Globo, 2011.

THOMPSON, John, B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 15 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.



Rádio-Leituras

Uma análise crítica do gênero mesa-redonda no radiojornalismo: o exemplo do programa Passando a Limpo da Rádio Jornal AM/FM Recife

Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva e Heitor da Costa Lima Rocha

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade transnacional**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, Teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No Ar: a História da Notícia de Rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.